

Filiação divina e unidade de vida

Pe. Dr. José Eduardo de Oliveira e Silva

1. Um “carisma” mística e teologicamente fundado

A filiação divina é o fundamento do espírito do Opus Dei. Assim o expressou claramente o seu fundador, São Josemaria Escrivá:

*Sendo a filiação divina o fundamento seguro da nossa vida espiritual, procurai meditar com frequência estas palavras de São Paulo: os que são conduzidos pelo Espírito de Deus, são filhos de Deus. *Vós não recebestes um espírito de escravos, para recairdes no medo, mas recebestes o espírito de filhos adotivos, pelo qual clamamos: Abba, Pai!, porque o próprio Espírito testifica ao nosso espírito que somos filhos de Deus. E, sendo filhos, somos também herdeiros; herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo, contanto que padeçamos com ele, para sermos com ele glorificados* (Rm 8,14-17). São palavras que resumem como há de*

ser o nosso trato com Deus Pai, em união com o seu Filho e com o Espírito Santificador¹.

Numa Carta posterior, referindo-se à sua própria experiência mística de 16 de outubro de 1931, em que, durante uma viagem de bonde, recebeu a graça de uma oração infusa que o encheu da consciência de sua filiação divina em Cristo, São Josemaria escreveu aos fiéis da Obra:

Entendi que a filiação divina teria de ser uma característica fundamental da nossa espiritualidade: *Abba, Pater!* E que, ao viver a filiação divina, os meus filhos se encontrariam cheios de alegria e paz, protegidos por um muro inexpugnável; que saberiam ser apóstolos dessa alegria e saberiam comunicar a sua paz, também no sofrimento próprio ou alheio. Justamente por isso: porque estamos persuadidos de que Deus é o nosso Pai².

A “filiação divina em Cristo” é explicitamente declarada na Divina Revelação³. Em nosso caso, consideramo-la em seu

¹ JOSEMARIA ESCRIVÁ, S., Carta (11.III.1940), n. 8.

² IDEM, Carta (8.XII.1949), n. 41.

³ “Existe um duplo aspecto no mistério pascal: pela sua morte, Cristo liberta-nos do pecado; pela sua ressurreição, abre-nos o acesso a uma nova vida. Esta é, antes de mais, a *justificação*, que nos repõe na graça de Deus, «para que, assim como Cristo ressuscitou dos mortos [...], também nós vivamos uma vida nova» (Rm 6, 4). Esta consiste na vitória sobre a morte do pecado e na nova participação na graça; realiza a *adoção filial*, porque os homens tornam-se irmãos de Cristo, como o próprio Jesus chama aos discípulos depois da ressurreição: «Ide anunciar aos meus irmãos» (Mt 28, 10). Irmãos, não por natureza, mas por dom da graça, porque esta filiação adotiva

aspecto “carismático”, para utilizar uma palavra que está bastante de moda, no caso do espírito do Opus Dei; mas, para isso, não poderia negligenciar que a elaboração teológica dessa verdade teve especiais aprofundamentos nas últimas décadas. Menciono apenas três desdobramentos importantes, a partir dos quais pretendo deduzir outros de ordem carismática.

O primeiro aprofundamento foi dado a partir do que hoje se chama “tomismo intensivo”, vale dizer, a interpretação dos textos do Doutor Angélico feita pelo filósofo italiano Cornélio Fabro, a partir de sua descoberta da “noção metafísica de participação” na síntese tomasiana. Em resumo, Fabro percebeu que São Tomás, a despeito de ser considerado redutivamente como um aristotélico puro, reformulou a doutrina platônica da participação, considerada por Aristóteles como tão somente metafórica, enfocando-a analogicamente a partir das noções de ato e potência, aplicadas ao “ato de ser” e às demais categorias ontológicas, consideradas, a propósito, como potências em relação à razão última de todas as perfeições do ente, isto é, o ato de ser intensivamente participado⁴.

Apesar de não ter causado grandes estrondos do ponto de vista do debate acadêmico fora do círculo tomista – o fato de Fabro ter desafiado Karl Rahner para um debate público, do qual o convidado se esquivou, e depois ter lançado uma obra para

proporciona uma participação real na vida do Filho, plenamente revelada na sua ressurreição”. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n. 654.

⁴ Cf. FABRO, C., *La nozione Metafisica di Partecipazione*, Opere Complete, vol. 3, EDIVI, Segni:2005, pp. 13-14.

refutá-lo, obra, aliás irrespondível⁵, rendeu-lhe um misericordioso ostracismo que durou até o fim de sua vida, coisa, aliás, com a qual todos nós estamos bastante habituados –, o giro metafísico de Cornélio Fabro libertava a ontologia tomista das amarras formalistas que ao menos psicologicamente prendiam os melhores intérpretes do aquinate, os quais conservavam certo ranço essencialista, até hoje verificável em muitos círculos que se pretendem tomistas.

Poderíamos sintetizar de modo muito genérico os avanços de Fabro em três pontos:

- 1) Fabro demonstrou a não equivalência dos conceitos de “ser” e “existência” (que os tomistas, desde João de Santo Tomás e Gaetano, tratavam como intercambiáveis), pois o ser é um ato intensivo e analógico e a existência é um fato unívoco e corresponde à imprecisa definição de ente elaborada por Duns Scoto⁶.
- 2) Também demonstrou que a razão de todas as perfeições do ente é o “ato de ser”, do qual inclusive a forma extrai a sua perfeição.
- 3) O ato de ser da criatura, portanto, é participado do *Esse subsistens*, presente no próprio ato de ser daquela.

⁵ Cf. IDEM, *Karl Rahner e l'ermeneutica tomista*, Divus Thomas, Piacenza: 1972.

⁶ Cf. SCOTO, D., *Reportata Parisiensia*, Liber primus, Distinctio III, Quæstio I, Solutio.

O segundo aprofundamento foi dado por Mons. Fernando Ocáriz, atual Prelado do Opus Dei, em sua tese doutoral *Hijos de Dios en Cristo*, em que aplica o conceito tomasiano de participação tal qual esboçado por Fabro à nossa participação na vida divina pela graça santificante.

Mais uma vez, podemos sintetizar alguns avanços mais salientes:

- 1) “A centralidade da noção metafísica de participação no pensamento teológico de São Tomás, também para a ordem sobrenatural, uma vez comprovada a correspondência estrutural dessa noção nas ordens natural e sobrenatural”⁷.
- 2) Também demonstrou que a razão da elevação sobrenatural é uma nova ação divina, que funda uma “nova presença de Deus enquanto Deus no ato de divindade do deus por participação”, isto é, a criatura divinizada⁸.
- 3) “O termo dessa mesma e única operação divina não é a produção de um ser, de uma natureza criatural, mas a assimilação da pessoa criada, já existente, na Pessoa do Filho”⁹.

⁷ OCÁRIZ, F., *Hijos de Dios en Cristo*, EUNSA, Pamplona: 1972, p. 110.

⁸ *Ibidem*, p. 79.

⁹ *Ibidem*, p. 137.

Um ulterior passo foi dado por Javier López, em sua tese de doutorado *La identificación con Cristo según Santo Tomás*¹⁰, da qual gostaria de destacar três pontos:

- 1) A presença da graça, participação da vida divina, na alma humana de Nosso Senhor Jesus Cristo.
- 2) A identidade dessa graça com a graça em nossa alma, no teor das palavras de São João: “da sua plenitude recebemos graça sobre graça” (Jo 1,16).
- 3) Por fim, a decorrente presença de Cristo nos cristãos. Como dizia São Josemaria, “cada cristão não é somente *alter Christus*, mas *ipse Christus*”¹¹.

Todo este circunlóquio parece desnecessário, mas não é, pois ele potencializa imensamente a nossa compreensão da filiação divina e suas consequências ascéticas.

Em certo sentido, uma concepção formalista da filiação divina nos levaria a uma espécie de configuração extrínseca a Cristo, à mera imitação de um modelo. Contudo, quando compreendemos esses princípios metafísicos, percebemos que não se trata de uma mera conformação, mas da participação mesma na filiação do Verbo Encarnado presente e atuante em nós pela graça. Em outras palavras, nossa assimilação em Cristo, mais do que um processo moral, é efetivamente um efeito da presença de Cristo em nós, com a qual cooperamos livremente.

¹⁰ LÓPEZ DÍAZ, F. J., *La identificación con Cristo según Santo Tomás*, Servicio de publicaciones de la Universidad de Navarra, Pamplona: 2003.

¹¹ JOSEMARIA ESCRIVÁ, *É Cristo que passa*, n. 103.

2. Espírito do Opus Dei: radicalização da filiação divina

Quando compreendemos o que São Josemaria fala sobre o fundamento do espírito do Opus Dei, isto é, que é a própria filiação divina, essa afirmação não é isenta de problemas. Alguém poderia dizer: mas, a filiação divina não é o fundamento da espiritualidade de todos os cristãos?

A resposta, em si, é simples: todas as formas de espiritualidade católica partem de aspectos da espiritualidade comum de toda a Igreja. Assim, os passionistas carregam a espiritualidade da Paixão de Cristo, a qual é a base da espiritualidade de toda a Igreja; o mesmo vale para os ressurrecionistas, para os espiritanos, para os carmelitas, para os dominicanos e, inclusive, para o Opus Dei.

No espírito da Obra, a filiação divina é, de algum modo, radicalizada (assim como nas outras espiritualidades, aqueles aspectos peculiares são, de algum modo, radicalizados) e isso efetua uma autêntica concretização da vocação cristã: ou seja, Deus me chama a buscar a santidade por meio desse aspecto peculiar, com toda a sua feição particular.

A partir desse viés, outros aspectos do espírito da Obra podem ser iluminados. Por exemplo, a secularidade e a santificação do trabalho, que, se não forem bem compreendidos, podem dar lugar a muitos equívocos.

A secularidade, de um lado, poderia ser interpretada como se o espírito da Obra levasse a uma romantização do mundo, o que faria de nós praticantes de uma espécie de piedoso modo de

ser mundanos. Seria como alguém que se quisesse santificar no meio de uma roda de pagode ou num show da Shakira.

A este respeito, diz São Josemaria:

“Não estou falando de ideais imaginários. Atenho-me a uma realidade muito concreta, de importância capital, capaz de mudar o ambiente mais pagão e mais hostil às exigências divinas, como aconteceu nos primeiros tempos da era da nossa salvação. Saboreai estas palavras de um autor anônimo desses tempos, que resume assim a grandeza da nossa vocação: *Os cristãos são para o mundo o que a alma é para o corpo. Vivem no mundo, mas não são mundanos, como a alma está no corpo, mas não é corpórea*”¹².

Outros poderiam entender que a santificação no trabalho significaria que o trabalho santifica o homem por si mesmo. E isso não é verdade, pois, se assim fosse, o ideal da vocação ao Opus Dei seria transformar o homem num *workaholic*, e não o levar a ser um contemplativo no meio do mundo. Enquanto isso, São Josemaria diz: “Porque essa tarefa habitual é, não apenas o âmbito em que se devem santificar, mas também a própria matéria de sua santidade: no meio dos incidentes do dia a dia, eles descobrem a mão de Deus e encontram um estímulo para sua vida de oração”¹³.

Em outras palavras, o trabalho no meio do mundo é aquilo que São Tomás chamaria de *causa material* da espiritualidade do

¹² IDEM, *Amigos de Deus*, n. 63.

¹³ IDEM, *Questões atuais do cristianismo*, n. 70.

Opus Dei, o que não é pouca coisa, pois isso implica em realizar um trabalho bem-feito, que possa efetivamente ser santificado.

“Não podemos oferecer ao Senhor uma coisa que, dentro das pobres limitações humanas, não seja perfeita, sem mancha, realizada com atenção até nos mínimos detalhes: Deus não aceita trabalhos “marretados”. *Não apresentareis nada de defeituoso*, admoesta-nos a Escritura Santa, *pois não seria digno dEle*. Por isso o trabalho de cada qual - essa atividade que ocupa as nossas jornadas e energias - há de ser uma oferenda digna aos olhos do Criador, *operatio Dei*, trabalho de Deus e para Deus; numa palavra, uma tarefa acabada, impecável”¹⁴.

Contudo, se não entendermos o modo pelo qual a nossa presença no mundo e a nossa atividade laboral se qualificam, poderemos ser excelentes cidadãos ou trabalhadores perfeccionistas, mas não viveremos o espírito da Obra. O modo pelo qual trabalhamos e pelo qual se dá a nossa presença nessas realidade é justamente a *filiação divina*.

Em outras palavras, um fiel do Opus Dei encara o mundo como “a vinha do meu Pai” e enxerga o seu trabalho como uma extensão do *ut operaretur*, de Gen. II,15. São Josemaria o diz expressamente em *Amigos de Deus*, na homilia *O trabalho de Deus*:

Em contraposição a essa visão achatada, egoísta, rasteira, tu e eu temos de recordar-nos e de recordar aos outros que somos filhos de Deus, a quem o Pai, como àqueles personagens da parábola evangélica, dirigiu

¹⁴ IDEM, *Amigos de Deus*, n. 55.

idêntico convite: *Filho, vai trabalhar na minha vinha*. Asseguro-vos que, se nos empenharmos diariamente em considerar assim as nossas obrigações pessoais, como uma solicitação divina, aprenderemos a terminar as nossas tarefas com a maior perfeição humana e sobrenatural de que formos capazes. Talvez nos insurjamos uma vez ou outra - como o filho mais velho, que respondeu: *Não quero* -, mas saberemos reagir, arrependidos, e nos dedicaremos com maior esforço ao cumprimento do dever¹⁵.

A filiação divina, portanto, é aquilo que São Tomás chamaria de *causa formal* do espírito do Opus Dei: o nosso trabalho, é o trabalho dos filhos de Deus; o mundo, é a vinha do nosso Pai Deus. Vivemos para Ele, trabalhamos para Ele, e é nesse espírito de serviço, *Serviam!*, e de perseverante dedicação que nos encantamos em viver buscando em todas as coisas a glória de Deus, como o *burrinho de nora*, que tanto encantava São Josemaria¹⁶.

Se a espiritualidade inaciana busca “*ad majorem Dei gloriam*”, o espírito da Obra busca “*Deo omnis glória*”, para Deus as glórias grandes, mas também as pequenas, as glórias das pequenas coisas; se Santo Inácio queria que os seus milites imitassem Cristo em sua vida pública, São Josemaria queria que o imitássemos na sua vida oculta; se a Companhia de Jesus se entende como uma milícia, a Obra se entende como família e

¹⁵ Ibidem, n. 57.

¹⁶ Na edição crítica de *Santo Rosário*, os organizadores têm uma belíssima explicação da Teologia do Burrico de Nora no contexto da infância espiritual em São Josemaria. Cf. IDEM, *Santo Rosário. Edición crítico-histórica*, org. Pedro Rodríguez, Constantino Anchel Javier Sesé. Rialp: 2010, III, § 10, 3b.

milícia e, por isso, a filiação e a fraternidade serão marcas distintivas do ser Opus Dei. São dois modos diferentes de conceber o mesmo ideal da santidade.

É muito interessante, a este respeito, perceber como a radicalização da filiação divina faz com que o celibato apostólico laical no Opus Dei seja uma novidade muito marcante na vida da Igreja: em geral, o celibato é entendido sempre em chave sponsal (na vida consagrada, é a Igreja esposa que se consagra a Cristo esposo; e no sacerdócio é Cristo esposo que se consagra pela Igreja esposa), mas no Opus Dei o celibato é a fraternidade elevada ao seu último alcance, a um alcance tão radical que, sem nenhum tipo de consagração e com uma entrega total feita por um especial chamamento divino, a simples filiação e fraternidade excluem qualquer vínculo sponsalício: o leigo célibe no Opus Dei o é por ser irmão e amigo de todos, de uma maneira universal¹⁷.

Porém, a *causa eficiente* da santidade, como diria São Tomás, não pode ser outra senão a graça divina, senão seríamos pelagianos. Porém, nós recebemos a graça por meio da oração e dos sacramentos; e como a oração precisa afetar o homem inteiro, aqui também se inclui o tema das mortificações. Estes seriam uma espécie de *causa instrumental* da santidade, para utilizar a linguagem de São Tomás.

Na Obra, o Plano de Vida, é condição *sine qua non* para a santificação no cumprimento das tarefas ordinárias. Não se trata

¹⁷ A este respeito, vale a pena considerar o livro de LEONARDI, M., *Come Gesù. L'amicizia e il dono del celibato apostolico*, Ares, Milano: 2011.

de um *checklist* que se cumpre com a gana de se livrar de uns itens. É realmente um caminho para chegar à contemplação.

Pode escandalizar algumas pessoas o fato de que todos na Obra cumprem as mesmas Normas, desde o Prelado até a última dona de casa supernumerária. Todos fazem duas meias-horas de oração mental, todos assistem ou celebram a Santa Missa e comungam diariamente, todos se confessam semanalmente, e tudo isso rodeado de práticas que vão desde o acordar até o dormir, de tal modo que de manhã, ao meio-dia e à noite, o dia está abraçado pelas Normas.

É evidente que isso não significa que todos já sejamos perfeitos no exercício do Plano de Vida. Alguém, por exemplo, poderia hesitar em atender ao chamado de Deus para ingressar na Obra por ainda se ver um pouco distante dessa meta; haveria que se resistir a essa tentação com humildade, pois todos estamos lutando.

A insistência de São Josemaria em que fôssemos *rezadores* é onipresente em seus escritos e, especialmente, em sua pregação oral. Saliento bem este aspecto para ressaltar o fato de que a filiação divina faz com que a nossa vocação seja uma vocação contemplativa. Por detrás de cada situação ordinária, estamos como que repetindo a Cristo: *Domine ostende nobis Patrem* – Senhor, mostra-nos o Pai (Ioh XIV,8).

A carga de vida sacramental e de oração que somos chamados a fazer diária, semanal, mensal e anualmente é, assim, tão significativa porque a vocação ao Opus Dei é uma vocação contemplativa *in medio mundi*.

Porém, a filiação divina dá uma coloração nova às práticas tradicionais de piedade feitas pela Igreja: a oração dos filhos de Deus é de tu-a-tu, sem protocolos nem esquemas; a ascética é, como dizia São Josemaria, uma “ascética esportiva”, um “ascetismo sorridente”.

A luta ascética não é algo de negativo nem, portanto, odioso, mas afirmação alegre. É um esporte. O bom esportista não luta para alcançar uma só vitória, e à primeira tentativa. Prepara-se, treina durante muito tempo, com confiança e serenidade: tenta uma vez e outra e, ainda que a princípio não triunfe, insiste tenazmente, até ultrapassar o obstáculo¹⁸.

Os momentos de exame não são solenes e graves, mas a contabilidade de um filho pequeno que vai conferir quanto de bom ou de nem tanto bom fez para o seu Pai¹⁹.

As Normas deveriam se ir trançando ao longo do dia com as nossas ocupações até que...

“Primeiro uma jaculatória, e depois outra, e mais outra..., até que parece insuficiente esse fervor, porque as palavras se tornam pobres..., e se dá passagem à intimidade divina, num olhar para Deus sem descanso e sem cansaço. Vivemos então como cativos, como prisioneiros. Enquanto realizamos com a maior perfeição possível, dentro dos nossos erros e limitações, as tarefas próprias da nossa condição e do

¹⁸ IDEM, *Forja*, 169.

¹⁹ “Exame. - Tarefa diária. - Contabilidade que nunca descarta quem tem um negócio. E há negócio que renda mais que o negócio da vida eterna?”. IDEM, *Caminho*, n. 235.

nosso ofício, a alma anseia por escapar-se. Vamos rumo a Deus, como o ferro atraído pela força do ímã²⁰.

Esta é a Unidade de Vida que, segundo São Josemaria, é a fisionomia espiritual do fiel do Opus Dei²¹.

3. Unidade de vida: fisionomia do fiel do Opus Dei

Na medida em que o fiel permite que a graça permeie de tal modo a sua vida de oração e de trabalho ele vai chegando a este ponto de conglutinação, ponto de liga, ponto de solda em que tudo se converte em um único ato de culto para Deus. A união entre oração e trabalho é a primeira grande síntese da Unidade de Vida, cuja meta é sempre Deus. Ele é a *causa final*: Deus em mim, santidade; Deus para os outros, apostolado.

A consequência ascética de todo este espírito é tão vasta que eu ultrapassaria os limites dessa exposição se as quisesse deslindar. Queria salientar apenas duas.

A filiação divina produz em nós uma vida de infância espiritual. E é muito bonito entender que toda a vida devocional da Obra está impregnada desse espírito de infância: a devoção a

²⁰ IDEM, *Amigos de Deus*, n. 296.

²¹ “Não, meus filhos! Não pode haver uma vida dupla, não podemos ser como esquizofrênicos, se queremos ser cristãos. Há uma única vida, feita de carne e espírito, e essa é que tem de ser — na alma e no corpo — santa e plena de Deus, desse Deus invisível, que nós encontraremos nas coisas mais visíveis e materiais”. IDEM, *Amar o mundo apaixonadamente* in *Questões atuais do Cristianismo*, n. 114.

Nossa Senhora e a São José, as pequenas mortificações ou os detalhes, mesmo materiais, dos cumprimentos do nosso dever. A meu ver, Deus quis que a Obra fosse fundada em 2 de outubro de 1928, festa dos Santos Anjos da Guarda, justamente para salientar esse traço da filiação divina que une a criança ao anjo.

Por outro lado, essa vida de infância supõe uma grande humildade, pessoal e coletiva. Do ponto de vista ascético, a humildade tem uma importância fundamental no espírito da Obra, nessa espécie de modéstia angélica que nos leva a querer “ocultar-nos e desaparecer”, a cumprir o nosso dever sem querer angariar lucros para a nossa soberba. Em *Vida cotidiana y santidad*, Javier López e Ernst Burkhardt apresentam a humildade como uma espécie de mediadora entre as virtudes teológicas e as virtudes morais²²; talvez, eu preferisse colocá-la como uma espécie de argamassa que permeia todo o organismo das virtudes em sentido sobrenatural.

Em todo caso, por serem filhos de Deus que buscam a santidade no meio do mundo, as virtudes sobrenaturais sempre se declinam à maneira humana. Nos textos de São Josemaria, percebe-se que, se as virtudes humanas são a base das sobrenaturais, as virtudes sobrenaturais têm que se humanizar e até se materializar: a caridade sobrenatural vira carinho; a esperança, otimismo; a fé, confiança, doutrina e fidelidade; a prudência é permeada de simplicidade; a humildade, de naturalidade e sinceridade; a justiça, de generosidade e lealdade;

²² Cf. LÓPEZ, J. & BURKHART, E., *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de San Josemaría*, v. II, VI, 3.1.

a castidade, de pureza; a fortaleza, de doçura e de rijeza; e a pobreza, de desprendimento.

Tudo isso exige grande formação. Por isso, a Obra é, como dizia São Josemaria, uma grande catequese, pois o único motivo para nos reunirmos sempre é receber formação, visto que, no demais, cada qual faz como lhe dê na gana. Esta é a segunda grande síntese da Unidade de Vida: piedade e doutrina; piedade de crianças e doutrina de teólogos.

Por fim, a finalidade da Obra é a santidade no meio do mundo, é chegar aonde a Igreja não chega, é ser uma espécie de extensão da Igreja extramuros: Nosso Padre dizia que a Obra é uma *partecita de la Iglesia*, a sua espiritualidade é inteiramente laical. Hoje em dia, como o espírito da Obra está muito difundido, é difícil percebê-lo, mas não era assim.

Os sacerdotes oriundos dos leigos da Obra têm mentalidade laical. São profissionais que descobriram a vocação ao Opus Dei e, assim, conseguem se dedicar a esse apostolado, diríamos “*selvagem*”, com a exata perspectiva de um leigo. E isso é propositalmente conservado pela formação que recebem, muito diferente da nossa, em que, segregados por uma década dentro de um seminário, nós nos tornamos moldados por essa mentalidade clerical, da qual quase não nos damos conta.

A Obra, não. Ela está onde não estão as pastorais, os conselhos diocesanos, os movimentos e associações. E, por isso, requer um sacerdócio, em certa medida, diferente. Um sacerdócio à serviço de um apostolado inteiramente laical.

Ao mesmo tempo, o modo de ser leigo é substancialmente modificado pela consciência da filiação divina levada ao extremo,

pois o fiel precisa ter uma mentalidade sacerdotal, que santifique o trabalho, que o faça santificar-se no trabalho e que lhe permita santificar os outros pelo trabalho, num apostolado incessante e “ofensivo”. Esse modo de ser leigo requer um tipo sacerdócio que, por assim dizer, proteja a laicidade deste apostolado, sem fazê-lo decair num tipo de extensão do apostolado clerical.

É exatamente por isso que, sacerdotes e leigos compartilham a mesma vocação e, portanto, precisam estar sob o mesmo regime. Daí a figura jurídica adequada de Prelazia Pessoal, normatizada pela própria Igreja, a qual concedeu aos dois primeiros prelados o caráter episcopal para elucidar o fato de que a Obra não é uma associação de padres presidida por um monsenhor, mas é um corpo coeso em que todos estão sob a tutela de um mesmo Padre, para o benefício exclusivo do apostolado dos leigos, para que seja inteiramente laical.

Essa é a terceira grande síntese da Unidade de vida: alma sacerdotal e mentalidade laical, compartilhada por todos os fieis da Obra.

Em 1946, quando Dom Álvaro foi a Roma para explicar a Obra aos oficiais da Cúria Romana, um deles lhe disse: “você chegaram com um século de antecipação”. Estamos há poucos anos de comemorar o centenário do Opus Dei e vemos que, ainda hoje, essa novidade não é fácil de ser compreendida, talvez por falta de capacidade de nossa parte de estudar e de explicar melhor o porquê desse fenômeno complexo. Fato é que a Obra não quer privilégios, quer somente levar a vocação batismal às suas últimas consequências, sem nenhuma consagração senão aquela que todos recebemos no dia mesmo em que nos tornamos cristãos.

Em todo caso, o resultado final da vivência desse espírito é o *gaudium cum pace*, que nos torna cada dia mais felizes por levar o doce chamamento de Cristo para, nEle, sermos filhos pequenos de Deus com uma vida única, feita serviço de amor para com Ele.